

Se a cólera que espuma, a dor que mora n' alma, e destrói cada ilusão que nasce, tudo o que punge, tudo o que devora o coração, no rosto se estampasse;

se se pudesse, o espírito que chora, ver através da máscara da face, quanta gente, talvez que inveja agora nos causa, então piedade nos causasse!

quanta gente que ri, talvez, consigo, guarda um atroz, recôndito inimigo, como invisível chaga cancerosa!

quanta gente que ri, talvez existe, cuja ventura única consiste em parecer aos outros venturosa!

Raimundo da Mata Azevedo Correia (1860-1911), Mal Secreto, em Grandes Sonetos da Nossa Língua (José Lino Grünewald), 1987

Vai-se a primeira pomba despertada... Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas de pombas vão-se dos pombais, apenas raia sanguínea e fresca a madrugada...

É à tarde, quando a rígida nortada sopra, aos pombais de novo elas serenas, ruflando as asas, sacudindo as penas, voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam, os sonhos, um por um, céleres voam, como voam as pombas dos pombais;

no azul da adolescência as asas soltam, fogem... Mas aos pombais as pombas voltam, e eles aos corações não voltam mais...

Raimundo da Mata Azevedo Correia (1860-1911), As Pombas, em Grandes Sonetos da Nossa Língua (José Lino Grünewald), 1987

Clama uma voz amiga: – “Aí tem o Ceará.” E eu, que nas ondas punha a vista deslumbrada, olho a cidade. Ao sol chispa a areia doirada. A bordo a faina avulta e toda a gente já

desce. Uma moça ri, quebrando o panamá. – “Perdi a mala!” um diz de cara acabrunhada. Sobre as águas, arfando, uma breve jangada passa. Tão frágil! Deus a leve, onde ela vá.

Esmalta ao fundo a costa a verdura de um parque. E enquanto a grita aumenta em berros e assobios rudes, na confusão brutal do desembarque:

fitando a vastidão magnífica do mar, que ressalta e reluz: – “Verdes mares bravios...” cita um sujeito que não leu, nunca, Alencar.

Manuel Carmeto de Sousa Bandeira Filho (1886-1968), Verdes Mares, em Grandes Sonetos da Nossa Língua (José Lino Grünewald), 1987

Acalme a ira em seu sangue e as injustiças, suporte, pois a ofensa é um bumerangue que sempre volta mais forte!

Eduardo A. O. Toledo, em 8º CNT UBT Barra do Pirai 1997

Na vida, nossas estradas não sejam caminhos vãos: caminhemos de mãos dadas mas sem algemas nas mãos!

Eugénia Maria Rodrigues, em 1 CNT UBT de Guaxupé, 1997

O tempo tem seus deslizes pois pára quando sofremos porém, quando estamos felizes, passa voando... e não vemos!

José Ouverney, em 6º Conc. Nac. de Trovas UBT Pindamonhangaba 1996

Por mais que me fira e doa a verdade eu sempre quis: se muito ama quem perdoa, perdoando sou feliz.

Margarida Marques, em 8º CNT UBT Barra do Pirai 1997

– Todo mundo usa sapato no quarto, mãe. Por que a bronca? – Tudo bem, filha. O que é chato, é que o seu sapato... ronca!...

José Ouverney, em 2º Jogos Florais UBT de Peruibe, 1999

Ouvi, desde tenra idade, dizer que o tempo é veloz. Mas, quem passa na verdade pelo tempo, somos nós!

Maria de Lourdes Quintanilha, em 6º CNT UBT Pindamonhangaba 1996

Teu olhar de fogo que me cega. Teu sorriso de fumo que me queima a boca. Teu jeito perverso que me judia. Sertaneja, me perco na poeira de teus passos. E quando te vejo, fico gago atônito atordoado... Sertaneja de mãos calejadas pés descalços cabelos ao vento simples como o sertão quando cantas de tua canção faça meu poema.

Cícero Gomes da Silva, Sertaneja, em Viver, Aprender Educação de Jovens e Adultos 1, Módulos 3 e 4, 1998

Pequena a casa? Que importa riqueza que noutras há? Temos nela paz e amor e a graça que Deus nos dá.

Dulcio Moreira Leite

No levantes tanto el vuelo, palomica, palomica, no levantes tanto el vuelo porque dejas la España y no sabrás volver luego, y no sabrás volver luego, palomica, palomica...

Jotas de Aragon, Adapt. José Iranzo

Mato as tristezas cantando, curti-las não vale a pena. Cantando vou me livrando da mágoa que me envenena.

Thalma Tavares

Agora vos reconheço irmãos de tribo distribuindo colares nacos agora vos reconheço e quero o calor das faces coradas o ao redor e a fogueira – a comunhão mastigando carnes – trêmulos animais

agora vos reconheço irmãos de tribo no úmido instante de ser ninguém.

Eunice Arruda, Agora Vos, de A Beira, 1999

Teu corpo moreno é da cor da praia. Deve ter o gosto da areia da praia. Deve ter o cheiro que tem o mormaço da areia da praia. Teu corpo moreno deve ter o gosto de fruta da praia deve ter o travo deve ter a cica dos cajus da praia. Não sei, não sei, mas uma coisa me diz que o teu corpo magro nunca foi feliz.

Manuel Carmeto de Sousa Bandeira Filho (1886/1968), Segunda Canção do Beco, em Viver, Aprender Educação de Jovens e Adultos 1, Módulos 3 e 4, 1998

A-a-a-a- aroma a-a-a-a- aroma vem pelo vento aroma fragrância, odor vem da pitanga da manga perfume da flor vem do estrume cheiro do gado vem do pecado (aroma-amor) do corpo dela (aroma-amor) todo molhado aroma um cheiro de suor a-a-a-a- aroma a-a-a-a- aroma vem pelas ventas aroma do pobre ou rico embriagado tu ficas eu também fico vem da macela da graviola vem do pé de manjeriço todo o planeta aroma de planta do sertão todo planeta (que cheirinho gostoso) aroma de planta do sertão.

Gilberto Passos Gil Moreira (1942), Aroma, em Viver, Aprender Educação de Jovens e Adultos 1, Módulos 3 e 4, 1998

No palco da lua o céu azul anuncia: noite estrelada.

Teruko Oda

Da seiva da Flor do Lácio tirou Caminha o matiz com que escreveu o prefácio da História deste país!

Maria Madalena Ferreira

Quem habita a minha casa

me empresta o corpo e sobe agudas brancas escadas espadas me esfolam – sangro – de quarto em quarto apalpo berços vazios os dias – cegos – me empurram das noites para outros dias mas quem habita a minha casa?

Eunice Arruda, Nostalgia I, de Risco, 1998

A calúnia é um vento brando, uma aragem mui gentil que insensível, sutil, levemente, docemente, começa a sussurrar.

Devagar, devagar, rasteira, baixinho, sibilando, vai escorrendo, vai zumbindo; nos ouvidos do povo se introduz destramente, e as cabeças e os cérebros confunde e enche. Da boca saindo o vozerio vai crescendo, ganha força pouco a pouco, voa já de canto em canto, parece o trovão, a tempestade que no seio da floresta vai assobiando, roncando e te faz de horror gelar. No fim transborda e estoura, se propaga, multiplica e produz uma explosão como um tiro de canhão, um terremoto, um temporal, que faz o ar ribombar. E o infeliz caluniado, humilhado, esmagado, sob o público flagelo por muita sorte vai morrer.

Cesare Sterbini Romano, com música de Gioacchino Antonio Rossini (1792-1868), ária de Dom Basilio, mestre em música e virtuoso da intriga; de O Barbeiro de Sevilha. Fascículo 2, disco II Barbiere di Siviglia; As Grandes Óperas, Abril Cultural 1971

A mentira, com extrema e total habilidade, tem passado, sem problema, como exemplo de verdade!

Roberto Resende Vilela, em Trovaregre 0012

O dia mais belo? Hoje. A coisa mais fácil? Equivocar-se. O obstáculo maior? Abandonar-se. A raiz de todos os males? O egoísmo. A distração mais bela? O trabalho. A pior derrota? O desalento. Os maiores professores? As crianças. A primeira necessidade? Comunicar-se. O que mais faz feliz? Ser útil aos demais. O mistério maior? A morte. O pior defeito? O mau humor. A coisa mais perigosa? A mentira. O sentimento pior? O rancor. O presente mais belo? O perdão. O mais imprescindível? O lar. A estrada mais rápida? O caminho correto. A sensação mais grata? A paz interior. O resguardo mais eficaz? O sorriso. O melhor remédio? O otimismo. A maior satisfação? O dever cumprido. A força mais potente do mundo? A fé. As pessoas mais necessárias? Os pais. A coisa mais bela de todas? O amor.

Agnes Gonxha Bajaxhiu – Madre Teresa de Calcutá (1910-1997), O Poema da Paz, em Boletim do Esportista Veterano 0102 da Associação Atlética Veteranos de São Paulo

A cidade. Cresceu. Apareceu. Ansiedade. Sou contigo. Amor. Minha flor. És comigo. Brilho de ouro. A lavra. A palavra. Bebedouro. Eu contemplo. Pura. Arquitetura. Belo templo. Você viu. Desenhou. Abordou. Coloriu. Couve-flor. Fervida. Servida. O sabor. As notícias. Do canto. Do pranto. São feticias. Aliança. Poesia. Cortesia. Esperança. Vento brando. Nublado. Apagado. Pombo em bando. Beijo cáldio. Abraçar. Beijar. Beijo válido. Tarde calma. Poesia. Alegria. Coisa d'alma.

Gente boa. Café. Ser de pé. Vir à toa. A vidraça. A chuva cai. E esvai. Vejo a praça. Cemitério. Finados. Florados. O mistério. Lavourar. Colher. E vender. Semear. Duros cortes. A poesia. Vazia. Ventos fortes. As formigas. Desfolhando. Andando. Inimigas. Quaresmeira. Vaidosa. E garbosa. Altaneira. O cerrado. Chovido. E florido. Adornado. Longo estio. Sabor. Cobertor. Chegou o frio. Coletânea. Junto. No conjunto. Miscelânea. Despedida. Adeus. Sonhos meus. A partida.

Francisco de Assis Nascimento Rua Três 351 Apto. 304, S. Central, 74023-010 – Goiânia, GO; de Goiandeio – Minhaicais Francianos, 2001

GLOSA E GRINALDA DE TROVAS

A Seleções em Folha estará recebendo a qualquer tempo glosas e grinaldas de trovas (veja ambas técnicas em SF 9902) para publicação (as mais caprichadas, naturalmente). Usar como mote para a glosa ou início ou desfecho para a grinalda de trovas, quaisquer de ambas as trovas a seguir:

No coração moram sonhos como pombos nos pombais... os pombos voltam risonhos, sonhos vão não voltam mais...

Popular SF 9612

De muita gente que existe e que julgamos ditosa, toda ventura consiste em parecer venturosa...

Medeiros e Albuquerque SF 9612

Minha casa está calma eu é que sou turbulento, o país navega, dizem, eu é que me arrebento eu é que sempre invento toda esta ventania eu é que não me contento com o rumo da romaria

não sei se a sorte é cega ou eu que vivo a teimar: sei que eu sou o barco o marinheiro e o mar.

Abel Silva, Navegações

Seleção Arnaldo Giancoli



TOURO: SIGNO DA TERRA

Touro é o segundo signo do zodíaco (21 de abril a 20 de maio); é regido por Vênus e o seu elemento é a terra.

O signo complementar de Touro é Escorpião; seu oposto é Sagitário.

As principais características do signo de Touro são: teimosia, pragmatismo e estabilidade. Help! Multi Mídia Estádio HMI 018

Touro 21.04 a 21.05

Personagem típico:

Sir John Falstaff, em Falstaff; de William Shakespeare (1564-1616)

The Brazilian Living Webster Encyclopedic Dictionary of the English Language 1973



TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI)S OUTONO

Table with 3 columns and 10 rows of text. Each row contains three short poems or fragments. Authors listed include Alda Corrêa M. Moreira, Haroldo R. Castro, Carlos Roque B. de Jesus, Heloisa S. Brandão, Débora Novaes de Castro, Helvécio Durso, Dercy de Freitas, Héron Patricio, Fernando L. A. Soares, José Roberto de Oliveira, Fernando Vasconcelos, José Walter da Fonseca, Franciela Silva, Lúvia Lacerda Menendez, and Guim Ga.



SELEÇÕES MENSAIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.04.01, quigos à escolha: Caranguejo, Dia do Índio, Jasmim.

Remeter até 30.05.01, quigos à escolha: Dia do Café, Pica-pau, Pinhão.

Fazer um haicu é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o quigo – palavra da sazão – (focalizamos), sentimos o satori ou “consciência de si”, com a mente vazia, isto é, sem preconceitos (fotografamos ou filmamos) e escrevemos esse registro limpo de uma sensação ou percepção (revelamos), compondo assim um haicu por conter o quidai, ou seja, um tema da estação, por ser seu assunto principal o quigo. O haicu deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do quigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haicu conterá ainda sutis sugestões que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor. Sobre os trabalhos remetidos, quando necessário, orientaremos visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção do haicu. Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132 01150-011 - São Paulo, SP

- 1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única 1/2 folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos corretos dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicus de própria lavra, pois tais votos serão anulados bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

HAICUS EM FOLHA



Table with 3 columns and 10 rows of haikus. Authors listed include Maria Reginato Labruciano, Ercy M. M. de Faria, Cecy Tupinambá Ulhoa, Darly O. Barros, Ercy M. M. de Faria, Maria Madalena Ferreira, Lucília A. T. Decarli, Alba Christina, Renata Paccola, Maria Madalena Ferreira, Amália Marie G. Bornheim, Anita Thomaz Folmann, Hermoclydes S. Franco, Anita Thomaz Folmann, Nadyr Leme Ganzert, Maria Reginato Labruciano, Alba Christina, Alba Christina, Sérgio Serra, Nadyr Leme Ganzert, Analice Feitoza de Lima, and Manoel F. Menendez.

CLASSIFICANDO OS TERCETOS INDEPENDENTES

Manoel Fernandes Menendez

Podemos chamar de trevo todos os tercetos independentes: → → → → → → O trevo guilhermiano rima versos de 5 sílabas e, o do meio, de 7 sílabas, a 2ª com a 7ª.

O trevo senriiu à ocidental é conceitual, filosófico... – é um trevo à moda ocidental.

Os trevos senriiu, haicu de sazão vaga e, simplesmente, haicu (único a conter quigo), são sempre “aqui e agora” – não conceituais, sendo:

trevo senriiu ou personagem (não filosófico),

trevo haicu de sazão indeterminada (aborda a natureza sem situar a estação);

trevo haicu, poesia pura – (o quigo, situa a estação em que o poeta está).

O trevo haicu é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo e o simbolizamos pelo ipê.

Trevo senriiu à ocidental ou trevo ocidental:

De um modo sutil deste-me adeus... e não era primeiro de abril! Edmar Japiassú Maia SF 9705

Meus livros são velhos. As folhas já amarelaram. Tudo acaba um dia... Agostinho José de Souza

Trevo senriiu ou trevo personagem:

Sonho milionário, ao despertar, decepção: primeiro de abril! Helvécio Durso SF 9904

Pintando a paisagem faltou tinta amarelada: folhas... só esboçadas... M. U. Moncan

Trevo haicu de sazão vaga ou trevo haicu subentendido:

Jornal da TV: “a qualidade do ar, ótima” primeiro de abril. Maria Reginato Labruciano SF 9803

Guardada na Bíblia, uma folha amarelada: – volta à adolescência! Heloisa Sauerbronn Brandão

Trevo haicu: Quigos – Vivencial e flora da sazão outono:

Lágrimas nos olhos tenho a carta na mão. O! 1º de abril! Djaldia Winter Santos Folhas amareladas na amendoeira da praia... Cornucópias ao vento. Guim Ga

ESTRÉIA DE UMA CONHECIDA ÓPERA

Roma, 20 de fevereiro (?) de 1816. O Teatro Argentina está lotado essa noite para a estréia da ópera Almagiva, o sia, l’Inutile Precauzione, a mais recente produção do jovem compositor pesará Gioacchino Antonio Rossini.

O público espera inquieto o início da representação. Mas, para uma parte das pessoas presentes, o motivo do comparecimento é diferente: pagaram ingresso especialmente para vauar, mesmo que o espetáculo seja bom.

São todos partidários do venerável Giovanni Paisiello, que 36 anos antes havia escrito uma ópera sobre o mesmo enredo (Il Barbiere di Siviglia), e consideram um desrespeito outro músico entrar em terreno já tão bem explorado por seu ídolo. Para o êxito de sua via, contam

ainda com a pouca popularidade do empresário, o Duque Francesco Cesarini Sforza, acusado, pelos apreciadores de ópera, de querer enriquecer sem qualquer preocupação artística.

O espetáculo começa com uma serenata improvisada pelo tenor espanhol Manuel García, que interpreta o Conde Almaviva. É o primeiro fiasco: a guitarra do cantor está desafinada; além do mais, uma das cordas se rompe, saindo um som muito estranho. A platéia não pára de rir (e terá mais motivos de riso).

A ópera continua quando, de repente, entra em cena uma personagem não citada no programa: andando tranquilamente pelo palco, um gato se põe a miar. Os cantores continuam firmes na interpretação, até que o gato resolve

roçar as pernas de Almaviva, Bartolo, Rosina e até mesmo as do barbeiro. Mais risadas.

E não pára aí: o cantor que faz Basílio está muito pouco à vontade em sua roupa. Muito apertados, os trajes impedem que ele realize livremente seus movimentos. E seu desespero cresce a tal ponto, que, no final de uma cena, sai do palco às carreiras, em busca de alívio. Aumentam as gargalhadas do público.

Não bastasse tudo isso, logo antes da “ária da calúnia”, o cantor tropeça e bate o nariz, que começa a sangrar: a hemorragia durará até o fim do espetáculo, obrigando o intérprete a se retirar.

Um fiasco sensacional. Os admiradores de Paisiello estão satisfeitos, embora levem as marcas dos punhos de rossinianos enfurecidos.

Aos cantores sobram apenas os aplausos de uma única pessoa: o maestro da orquestra, Rossini.

O insucesso da estréia absolutamente não afetou o compositor. Uma noite de sono tranquilo preparou-o calmamente para a segunda representação: 2000 romanos lotaram novamente o teatro, desta vez para aplaudir a obra rossiniana, que, num repto aberto a Paisiello e seus partidários, passava a ser chamada definitivamente pelo público de Il Barbiere di Siviglia. A partir da terceira apresentação, a ópera transformou-se em sucesso e na mais aplaudida criação de Rossini.

Trecho do fascículo 2, disco Il Barbiere di Siviglia; As Grandes Operas, Abril Cultural 1971

Fíguro – primeiro personagem burguês em ópera, faz qualquer negócio desde que seja lucrativo: para ele tudo é mercadoria. Abram alas para o faz-tudo da cidade!

Todos do Brasil na TV capitam adaptações para sermos bôes!

D I C A S P A R A E S C R E V E R B E M

- ✓ Desnecessário faz-se empregar estilo de escrita demasiadamente rebuscado, conforme deve ser do conhecimento de V.Sª. Outrossim, tal prática advém de esmero excessivo, e beira o exibicionismo narcisístico.
✓ Evite abrev., etc.
✓ Evite lugares-comuns como o diabo foge da cruz.
✓ Estrangeirismos estão out.
✓ Tente ser seletivo no uso de gírias, mesmo que sejam maneiras, sacou?

- ✓ Evite repetir a mesma palavra, pois esta palavra vai ficar repetida e a repetição vai fazer com que a palavra seja repetida.
✓ Não abuse das citações. Como costuma dizer meu pai: “Quem cita os outros não tem idéias próprias.”
✓ Frases incompletas podem causar.
✓ Não seja redundante, não há necessidade de dizer a mesma coisa de formas diferentes, isto é, basta mencionar cada argumento uma só vez. Em outras palavras, não fique repetindo a mesma idéia.

- ✓ Não use siglas desconhecidas, conforme recomenda a A. G.O.P.
✓ O exagero é 100 bilhões de vezes pior do que a moderação.
✓ Evite frases longas, pois dificultam a compreensão da idéia nelas contida e apresentam mais de uma idéia central, o que nem sempre torna o seu conteúdo acessível, forçando, assim, o leitor a separá-las em seus componentes diversos, de forma a torná-las compreensíveis, o que, afinal, não deveria ser parte do processo de leitura. Milton Roberto e Goya, em Reader’s Digest Seleções 0103